

OLÁ, VADIO!

Olá vadio! E's tu vadio?
E tens pai? Tens mãe?
Não tens ninguém,
E's como eu, tudo morreu!

Que diabo fazes tu aí tão idiota, esfarrapado e só?
Ao longe vai passando um *paquebot*.

E tu a veres. Tu a contemplares
imbecilmente o «Gigante dos Mares»,
E' um «Seis Mastros», um *Mauritania*
qualquer que vem de Hispania
e vem de França,
um cetáceo cujo ventre é fogo e aço,
dentro em que há libras, dolars e dança.

Vem comigo.
Quero fazer de ti o meu amigo.
Vamos dar a volta ao mundo.
Antes disso, porém:
— trazes no fundo
do teu bolso algum vintem?
Não trazes.
Es assim como os rapazes
cuja vida só possui a alma inteira dos lilazes.
Os rapazes abandonados, esmagados,
sem dinheiro, a boina à banda,
que adormecem na locanda
misturados.

Vai pôr no prégo o meu relógio de oiro.
Vai vender a um ferro-velho o meu *Kodack*
Vê se encontras quem me compre uma *raquette*,
a minha pelissa nova, estas luvas, este *frack*.

O gasolina encosta agora ao cais.
Vem cheio de mulheres
flores náuticas
Das águas.
Veem lunáticas
Da viagem
como pombas aeronáuticas.

Lá fora a rua está cheia de taxis,
chauffeurs, moços e um cicerone
que diz:
— « Messieurs, Mesdames, allons voir Lisbonne! »
E depois outro cicerone:
— « All right! »

Albino de Menezes.